



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O QUE DIZEM AS CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A PROFISSÃO E OS GÊNEROS NA DOCÊNCIA

Tatiana do Socorro Corrêa Pacheco

Universidade Federal do Pará. tatianacpacheco@gmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa realizada no Mestrado em Educação (2008), que investigou os discursos de um grupo de crianças da 3ª série do ensino fundamental sobre a profissão e os gêneros na docência; com o intuito de analisar por meio dos discursos os desdobramentos das questões de gênero no trabalho de professores/as e no magistério. A perspectiva sócio-histórica permeou as análises e apreendeu às crianças, como sujeitos que se constituem sócio-culturalmente pelas suas experiências, pelos lugares sociais que ocupam como meninos e meninas, como alunos/as. O referencial teórico utilizado como aporte para a análise dos dados coletados está baseado nas teorizações de Mikhail Bakhtin sobre o discurso. Para relacionar as vozes das crianças com o contexto social, cultural e histórico vivenciado por estas, recorremos a autores/as como Sarmento, Connell, Carvalho, Filho, Muller. As análises foram organizadas em eixos-temáticos que emergiram dos discursos das crianças, tais como: Os vínculos históricos e culturais da profissão com a maternidade; as relações de poder entre adultos e crianças e na prática docente; o exercício da docência e as relações afetivas. Os discursos das crianças demonstram muitas continuidades e rupturas com os papéis que foram construídos historicamente para homens e mulheres e, também, apontaram muitas expectativas e desejos para a prática de professores/as que superam binarismos e polaridades e oferecem informações significativas para (re)pensarmos a docência.

Palavras-Chave: Criança, Gênero, Discurso, Docência, Profissão.

1-INTRODUÇÃO

Este estudo investigou os discursos de um grupo de crianças da 3ª série do ensino fundamental sobre a profissão e os gêneros na docência. A pesquisa teve o intuito de analisar por meio dos discursos os significados e sentidos atribuídos pelas crianças à profissão e a docência de professores/as das séries iniciais do ensino fundamental, bem como, discutir os desdobramentos das questões de gênero na prática docente do homem professor e da mulher professora que se apresentam nos discursos de crianças. A centralidade atribuída aos discursos das crianças se fez necessária, por serem estas que vivenciam diariamente o trabalho docente exercido por professores/as. Apreendida e considerada como sujeito sócio-histórico, que vive a sua história e dá significado às suas ações, a criança foi neste percurso analítico vista como um ator social



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O encontro com o tema ocorreu no ano de 2005, período em que atuei como professora da 1ª série do ensino fundamental numa escola municipal localizada no município de Ananindeua-Estado do Pará, onde encontravam-se em exercício de 1ª à 4ª séries, no período em a investigação foi realizada, 08 professores homens e 19 professoras, considerando que 81,3% dos docentes da Educação Básica no Brasil são mulheres e apenas 18,7% são homens¹. Isso me fez lembrar que aquela situação não era de certa forma considerada comum, em função da história de feminização que o magistério possui, principalmente, na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental. Percebi que a criança estava situada num espaço de produção de identidades, que é a escola, e essa instituição ficou marcada historicamente como um espaço de trabalho para as mulheres.

A opção pela recolha das vozes infantis, coloca a criança numa posição ativa na pesquisa e faz considerar que em seu desenvolvimento questões de raça, gênero e classe estão presentes e as constituem. Essa opção também contribui na ruptura com conceitos fechados de infância, que não valorizam as suas especificidades sócio-culturais.

Dessa forma, os discursos são valorizados e vistos como reveladores das compreensões e concepções sobre os gêneros na docência, e que podem evidenciar o contexto social, cultural e histórico destes profissionais. Os discursos infantis são tomados como essenciais para entender a concepção da criança sobre o magistério e sobre professores/as, bem como para refletirmos sobre a maneira de se pensar a profissão nas diferentes vozes sociais, ou seja, nos vários discursos criados sobre os gêneros, e que reforçam as desigualdades, os papéis, as funções, mediante as diversas ideias que veiculam sobre o ser masculino e o ser feminino em nossa cultura.

A escolha dos sujeitos participantes da pesquisa e os arranjos metodológicos acompanharam o pensamento Bakhtiniano e as especificidades dos sujeitos infantis. Brait (2003) lembra-nos que Bakhtin fala da importância do contexto extra-verbal que envolve o discurso e que é composto de 03 fatores: “1- A extensão espacial comum aos interlocutores [...]; 2- O conhecimento e a situação comum existente entre os interlocutores; 3- A avaliação comum dessa situação” (BRAIT, 2003, p.19).

¹ Pesquisa realizada pela UNESCO/2004, com o título: O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Considerando tais fatores as crianças entre as idades de 09 à 11 anos foram escolhidas pelas experiências que possuíam com a docência exercida por ambos os gêneros, no mesmo espaço escolar e com o mesmo tempo de experiência (03 anos), o que possibilitou que os sujeitos infantis pudessem falar das suas experiências com professores e professoras, dentro do espaço que lhes é comum – a escola.

Os instrumentos utilizados na coleta dos dados foram entrevista coletiva semi-estruturada e o uso de duas imagens fotográficas adotadas como iniciadoras do diálogo com as crianças. A entrevista coletiva garantiu os diálogos, possibilitou uma interação mais rica, compartilhada, em que os sujeitos não se limitaram em responder as perguntas, mas puderam divergir, concordar, enfim, um espaço para a réplica ao discordarem ou concordarem entre si. As crianças participaram das entrevistas como sujeitos ativos, compreendendo o diálogo como algo mais amplo, nos termos de Bakhtin (2003), como um processo ativo e responsivo, de troca, de curiosidade em saber o que os/as colegas pensavam acerca do assunto.

A análise dos dados está fundamentada na perspectiva sócio-histórica e nas teorizações de Bakhtin (2003) sobre o discurso, pela importância que este autor atribui em se considerar as dimensões dialógicas e ideológicas na produção dos significados e sentidos presentes no discurso e que são historicamente determinados.

2-O QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE A PROFISSÃO E OS GÊNEROS NA DOCÊNCIA.

Ouvir as crianças revelou muito sobre a docência de professores e professoras e de suas relações com estes profissionais. Considerando que gênero é uma categoria teórica em que se buscam os significados, e também as construções simbólicas sobre as diferenças sexuais, as análises se debruçaram nas formas como essas diferenças são (re)apresentadas pelas crianças, discutindo os seus desdobramentos na educação.

Foi a partir do corpus da pesquisa, ou seja, do conjunto dos enunciados, que destacamos 03 eixos-temáticos que evidenciam nos discursos das crianças significados e sentidos da profissão e da docência.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

2.1- Os vínculos históricos e culturais da profissão com a maternidade.

Os discursos das crianças revelam uma construção cultural sobre a profissão em que o sexo do profissional que exerce a docência foi fundamental para as crianças definirem a profissão.

Ao serem questionadas sobre os motivos da existência de mais professoras na docência, as crianças apresentaram alguns significados em seus discursos que foram destacados abaixo:

Menina: Porque a mulher tem mais assim... cabeça pros alunos

Menina: É a mulher tem

Assim, porque tem algumas professoras que já é mãe, aí tem cabeça né? Pra dar aula pro seu filho pra sua filha.

Menino: Porque elas precisam arrumar emprego, pra poder ganhar o cheque da escola pra pagar as contas.

Menino: Porque elas precisam trabalhar pra sustentar a casa

Menina: Porque elas precisam de emprego, e elas pedem, e elas andam pra ganhar o cheque da escola.

O discurso da menina que justifica a presença de maior número de mulheres na docência pelo fato de “terem cabeça por serem mães”, coloca a maternidade como um tipo de preparação para o trabalho docente. Esta criança compreende que a maternidade dá à professora uma certa habilidade para o trabalho docente. Para esta criança, a experiência materna possibilita o exercício da docência de forma mais adequada.

Seu discurso evidencia um significado de docência ligado a maternidade. A criança direciona para o trabalho docente as suas experiências com mulheres adultas como mães, não separando a atuação docente da prática de maternagem². Neste sentido é possível afirmar que os referenciais que possui para falar da profissão é também o espaço doméstico, o vínculo e as relações afetivas que estabelece com a mãe. Neste aspecto Bakhtin (2003) nos diz que:

As influências extratextuais têm um significado particularmente importante nas etapas primárias de evolução do homem. Tais influências estão

² O termo maternagem nos estudos de gênero tem sido utilizado segundo Carvalho (1998), para enfatizar as dimensões culturais e históricas da criação de filhos/as em contraposição à dimensão biológica da maternidade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

plasmadas nas palavras (ou em outros signos), e essas palavras são palavras de outras pessoas, antes de tudo palavras da mãe (BAKHTIN, 2003, p.402).

É neste processo de troca e de interação dialógica, que os discursos alheios são reelaborados, em que as vozes do outro são assimiladas, absorvidas tornando-se próprias do sujeito e com um sentido singular. Por isso, as mulheres parecem mais adequadas segundo a criança, para a atividade docente, pelo seu lado maternal. Carvalho (1996) também afirma a partir de análises feitas do trabalho docente feminino que, o trabalho doméstico, não somente contribui na definição de atividades que são tidas como femininas, mas estão presentes na vida da maioria das mulheres. Esta autora constatou que:

[...] as falas e atitudes das educadoras, a maneira como enxergavam o trabalho docente, como organizavam o tempo e o espaço, assim como as relações que estabeleciam com as crianças e com as mães das crianças tinham como referencial a vida no lar, o trabalho doméstico, a maternagem, a socialização recebida para a vida doméstica. (CARVALHO, 1996, p.78).

Esta afirmação nos faz lembrar que Sarmiento (2005), ao enfatizar a criança como ator social e a sua consideração como tal, deve-se estar atento as relações intergeracionais e intrageracionais que este sujeito estabelece, ou seja, os aspectos simbólicos que permeiam a cultura infantil são construídos por meio das relações com outros grupos como os adultos. Neste processo de relações muitas construções ideológicas permanecem veiculando por meio de discursos e práticas que reforçam tais construções. É neste sentido que podemos afirmar que a menina a partir das relações de gênero vivenciadas se utiliza da maternidade como referência principal para definir a docência feminina. O seu discurso é resultado das interações com os adultos no seu contexto de vivência social.

É importante salientar que nestas construções sociais que associam a docência a maternidade, o que deve ser questionado é a negatividade que se construiu historicamente para aquilo que Carvalho (1996) denomina de habilidades adquiridas pelas mulheres no seu processo de socialização. A autora também afirma que caberia aos estudos do trabalho docente deixar de tomar as características maternais e domésticas das professoras de forma pejorativa, como incompetência técnica, e passar a reconhecê-las como qualificações, que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

podem ou não se fazer presente em suas práticas em sala de aula e nas suas relações com os/as alunos/as.

O trabalho, atividade destacada pelas crianças, aparece nos discursos como algo que supera as questões de gênero, há mais mulheres na docência por uma necessidade de trabalho, de ganhar dinheiro para sustentar a casa e pagar as contas. As crianças em alguns destes discursos, não vêem o trabalho docente como exclusividade de um sexo, o trabalho é visto como necessário à sobrevivência independente de papéis ou atividades desenvolvida. As crianças revelam muito mais do que as questões de gênero pressupõem, revelam sobre o contexto em que estão inseridas, do significado social e econômico do trabalho.

2.2- Relações de poder entre adultos e crianças e na prática docente.

As marcas sociais e históricas das relações de poder entre adultos de ambos os sexos e crianças são destacadas pelos sujeitos infantis, em que as interações que estabelecem com seus/as professores/as possuem um significado que as colocam numa condição hierárquica de submissão diante das exigências dos adultos.

Ao serem questionadas sobre as suas preferências nas séries futuras por professor ou professora as crianças apresentaram as seguintes respostas:

Menina: Tanto faz. É porque a gente não tem querer, né? A gente não tem querer;

Quando o meu pai manda eu fazer alguma coisa aí eu falo: - Eu não quero!.

Por exemplo: Quando ele manda eu ir na padaria comprar pão aí eu falo: - eu não quero ir. Aí ele fala assim que eu não tenho querer.

A obediência está na base das relações adulto-criança. O enunciado acima demonstra uma conformidade na criança da condição de obedecer ordens e seguir determinações. As relações sociais com os adultos a coloca num lugar social do sem voz, “sem querer”. Para Bakhtin (2003), nas relações dialógicas a criança interpreta o discurso do outro se apropria deste, tornando-se seu: “***eu não tenho querer***”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Outras produções discursivas das crianças sobre a docência não só demarcam o professor como mais autoritário em sua prática como revela muitas relações baseadas na hierarquia e no poder dos adultos sobre as crianças.

Menina: Às vezes o professor não deixa a gente ir pro recreio, quando a gente não tá fazendo o trabalho, que não termina.

Menina: Às vezes o professor fica irritado por causa que o pessoal fica fazendo barulho na sala, né? E quando ele fica irritado ele diz logo que vai levar a gente pra diretoria. Aí eu não gosto.

Menino: Às vezes quando ele tá irritado ele diz que vai levar a gente pra diretoria pra tomar uma advertência.

Menino: A gente não gosta que ele gritava com nós. Tinha vez que ele ficava com raiva assim estressado, aí ele gritava com nós.

Menino: E quando a gente não acabava de fazer o dever aí ele, ele falava assim mesmo: - Você já acabou de fazer o dever? Aí ele gritava alto com nós assim.

As relações históricas entre adultos e crianças foram marcadas pelo exercício do poder, com base na obediência, na submissão e no respeito a hierarquia nas relações, estas relações ainda servem de base para muitas práticas institucionais, como na escola.

Os adultos reforçam comportamentos e atitudes que devem ser seguidos pelas crianças e se utilizam de recursos punitivos que deixam marcas e significados, que passam a orientar as compreensões das crianças sobre o fazer docente.

As interações que permeiam a prática docente estão baseadas no poder e na autoridade, retirando das relações a possibilidade de se perceber a riqueza das expressões e interpretações das experiências dos sujeitos infantis. Nos discursos apresentados pelas crianças, há uma ausência da escuta e do diálogo, por isso, se faz necessário nas interações entre professores/as e crianças começar a ouvi-las, instaurar o diálogo, deixar que participem das escolhas de ações e de programações destinadas à elas, dando-lhes mais sentido de participação e responsabilidade social.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Pais, mães, professores/as, os cursos de formação, precisam refletir constantemente sobre as relações, as atitudes diante das crianças, como as percebem e os valores que estão presentes na realidade em que vivem os sujeitos infantis. Pois, segundo Filho:

É se socializando com os outros que as crianças vão descobrindo as próprias especificidades, como também as especificidades dos que com ela convivem. Assim a construção da visão de mundo efetuada pela criança se faz com o auxílio dos elementos produzidos por sua contínua relação social com os pares e com os adultos, em contextos sociais que vão se interpondo. (2006, p.19)

É imprescindível que os adultos dêem devida importância às expressões verbais das crianças, que considerem os seus pontos de vista, para que não continuem ocorrendo como nos lembra Filho³, relações pautadas apenas numa lógica disciplinar, reprodutora e hierarquizada. Os discursos são convidativos aos adultos refletirem sobre suas posturas nas relações com as crianças. Estas criticam as formas rígidas dos/as professores/as instituírem a ordem em detrimento de práticas que incentivem, segundo Filho⁴ o convívio coletivo, a tolerância, o respeito ao outro e o diálogo com todos/as.

O desafio aos que interagem com crianças, está na ruptura com práticas que colocam o exercício do poder e o controle excessivo como central. Numa relação baseada nas trocas dialógicas, na escuta do outro, o espaço escolar se enriquece, se torna vivo, dinâmico, em que as múltiplas vozes dos sujeitos se fazem presentes, são ouvidas, se relacionam, penetram numa realidade, em que a réplica, a possibilidade de concordar ou discordar estão nas bases das interações sociais.

Ao serem ouvidas, ao se permitir dar voz às crianças, ao partilharem o seu cotidiano escolar, estas demonstraram claramente o quanto não gostam de práticas que as silenciam, o quanto não concordam com gritos e ameaças e o quanto podemos aprender com elas, quando se permite que expressem o que pensam. Muller (s/d, p.12) afirma que: “[...] Os rituais e regras escolares geralmente mostram supremacia dos interesses dos adultos sobre as

³ Idem

⁴ Ibidem



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

necessidades das crianças [...]”, esta postura do adulto diante da criança é confirmada com frases do tipo “*a gente não tem querer*”.

Connell (1995), ao definir masculinidade como uma configuração de prática, destaca justamente “[...] o processo de moldagem das masculinidades no local e no mercado de trabalho, nas grandes organizações e nos sistemas políticos” (Idem, Ibidem, p.188). Neste sentido, a masculinidade docente apresentada pelas crianças possui um significado vivencial de masculinidade convencional, aquela que, segundo Connell (1995), reflete à articulação cultural e histórica em nossa sociedade do homem à comportamentos como os de força, frieza, autoridade e racionalidade que se distanciam dos que foram definidos historicamente para as mulheres.

2.3- O exercício da docência e as relações afetivas.

As crianças falaram de aspectos que são pouco reconhecidos como importantes para o trabalho docente, aspectos estes que estão vinculados às dimensões afetivas presentes neste tipo de atividade profissional e que para as crianças são importantes para uma boa relação em sala de aula. Os sentidos da docência para as crianças foram apresentados com os seguintes discursos:

Menina: Mas professoras são todas iguais, porque as professoras brincam e os professores não. Só o professor de arte que brinca.

Menina: Às vezes o professor não deixa a gente ir pro recreio, quando a gente não tá fazendo que não termina.

Menina: Essa professora já é diferente, ela deixa a gente ir ao banheiro.

Menino: O professor só deixava quando chegava o recreio aí ele deixava.

Menina: Porque ela deixa a gente ir pro recreio quando a gente não termina o dever

Menina: E porque ela deixa a gente brincar.

Menina: Ah! Porque ele brinca com a gente, ele ensina mais, é mais legal.

Menina: Tem uma diferença sim, por exemplo: ela é mais legal brincalhona com a gente.

O professor ele só explicava uma vez e não explicava mais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Menina: É algumas coisas muda um pouco: brincar, escrever no quadro. Aí quando a gente pede pro professor algumas coisas aí ele não brinca.

Menina: Mas do que a gente gosta mesmo é do professor legal brincalhão como o professor de Arte.

As crianças na maior parte destes enunciados discursivos colocam a brincadeira no centro das suas significações, permissividade e consentimento, também, fazem parte do sentido da docência. Uma visão do ensino baseada na generosidade e nos seus interesses e necessidades.

Ser legal para as crianças é permitir a brincadeira e participar delas, é ir ao banheiro, ao recreio, ter paciência ao ensinar. Essas características as crianças relacionam mais ao fazer docente feminino. As crianças estabelecem uma relação brincar-ensino-afetividade, os seus desejos permeiam esta compreensão. Em suas produções discursivas o afeto tem um poder valorativo significativo, é um aspecto importante no exercício da docência.

Estes sujeitos sugerem um tipo de relação em sala de aula e de prática pedagógica, colocando aspectos como a paciência, a brincadeira e o afeto como importantes no cotidiano de sala de aula. O cuidado, o vínculo afetivo, a brincadeira, possuem um sentido central para as crianças, são vistos como estimulantes para a sua aprendizagem. Os seus discursos indicam que os vínculos emocionais podem ser ferramentas importantes para um bom trabalho docente.

Uma questão interessante apresentada por Carvalho (1999) a respeito do trabalho docente, se refere à dimensão relacional deste tipo de trabalho, que implica em exigências emocionais que estão ligadas ao relacionamento com crianças e que neste sentido independem do sexo do docente.

Para Carvalho⁵, temas como o afeto e os vínculos emocionais, remetem ao universo da vida privada e das relações familiares, por ser esta a esfera que temos maiores oportunidades de vivenciar elos emocionais. Estas questões são na nossa cultura associadas às mulheres e implicou numa construção social de que estes aspectos desqualificam o trabalho docente por estarem articulados à feminilidade, provocando de certa forma pouca ênfase destes temas nos

⁵ Idem



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

cursos de formação. Entretanto, os cursos de formação precisam trabalhar com as múltiplas dimensões que envolvem a docência (afetiva, emocional, cognitiva, lúdica, etc), embasados na compreensão de que tais dimensões não pertencem a um gênero, pois, envolvem o relacionamento entre professores/as e alunos/as.

As crianças não produzem seus discursos no abstrato, mas dentro de um contexto em que a vida privada, as instituições escolares estão repletas de valores e práticas em que as construções sociais, culturais e históricas dos gêneros permeiam tais relações. O que as crianças suscitam, é que os elementos que foram atribuídos à feminilidade podem construir uma outra cultura escolar, podem produzir outros efeitos discursivos sobre as relações afetivas no exercício da docência, ou seja, novos significados sociais que valorizem as dimensões emocionais do trabalho docente, sem condicioná-los como um atributo feminino.

3- CONCLUSÕES:

As crianças deixam claro o que gostam de fazer no espaço escolar, suas preferências, suas críticas ao trabalho docente, ou seja, as crianças se posicionam e sabem muito bem sobre o comportamento que professores/as esperam delas e definem muito claramente o que esperam de seus/as professores/as.

No trabalho com crianças o envolvimento afetivo deve ser visto como algo que por ser parte da dimensão humana, está presente neste processo, pois, a relação com as crianças envolve relações emocionais, pelo contato direto que se tem com estes sujeitos e pela própria infância, que para muitas crianças está marcada por relações que envolvem vínculos pessoais.

Em seus discursos aspectos como a afetividade, a atenção, a brincadeira, a paciência em ensinar, não são vistos como próprios da mulher. Elas percebem estes aspectos mais presentes nas professoras e justificam pelo fato de serem mulheres. No entanto, elas não afirmam que estes aspectos são de exclusividade de um sexo, elas afirmam que deveriam fazer parte da docência.

Os discursos das crianças sobre o bom ou a boa profissional, possuem imbricações com os ideais de feminilidade, com as prescrições sociais para o sexo feminino; um modelo



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de docência centrado nos aspectos extra-cognitivos do trabalho docente, que foram e ainda o são considerados como femininos. Talvez uma maneira do trabalho fluir melhor, seria promover novos vínculos com os/as alunos/as. Aspectos como a emoção, a paciência, não podem ser vistos como atributo de um sexo, mas como parte integrante do trabalho docente, sem que hierarquicamente se privilegie estes aspectos em detrimento de tantos outros.

Este é um grande desafio para o campo da formação de professores, pois, como a prática e as relações nela construídas estão marcadas pelas identidades de gênero de cada profissional, a dimensão social, cultural e histórica dos papéis que foram construídos para cada sexo, dos significados e das prescrições sociais para homens e mulheres, devem ser trazidos para o campo da formação, para serem discutidos, avaliados, em função de que, no exercício da profissão entrecruzam-se dimensões que ainda são pouco analisadas, como a dimensão cultural dos masculinos e femininos que estão presentes na docência e nas interações com as crianças, já que o gênero nos constitui e permeia as nossas relações.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.

BRAIT, Beth. **As Vozes Bakhtinianas e o Diálogo Inconcluso**. In: BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz (orgs). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 2003.

CARVALHO, Marília Pinto de. **Trabalho docente e relações de gênero: Algumas indagações**. In: *Revista Brasileira de Educação*. n.02. mai/jun/jul/ago, 1996, p.77-84.

_____. **Vozes masculinas numa profissão feminina: O que tem a dizer os professores**. 1998. Disponível em: <http://www.anped.org/reuniões/28/textos/gt03>. Acesso em: 04 de jan de 2007.

_____. **Ensino uma atividade relacional**. In: *Revista Brasileira de Educação*. n.11. mai/jun/jul/ago, 1999, p. 17-32.

CONNELL, Robert. **Políticas da Masculinidade**. In: *Educação e Realidade*. 20 (02), jul/dez, 1995, p.185-206.

FILHO, Altino José M. **Crianças e adultos: marcas de uma relação**. In: FILHO, Altino José M. [et al]. *Infância Plural: crianças do nosso tempo*. Porto Alegre: mediação, 2006.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

MÜLLER, Fernanda. **Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência.** Sd. Disponível em: <http://www.anped.org.br>. Acesso em: 22/08/2006.

SARMENTO, Manuel Jacinto **Gerações e alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da infância.** In: Educação e Sociedade. V.26, n. 91. Campinas: SP, maio/ago, 2005.

UNESCO. **O perfil dos Professores Brasileiros: O que fazem, o que pensam, o que almejam.** São Paulo: Moderna, 2004.